

Resenha de: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006; FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: Edusc, 1998.

A disciplina da mudança

Thiago Fontelas Rosado Gambi¹

1. Introdução

A natureza da História como disciplina ou da ‘ciência histórica’ é aparentemente pouco pensada pelos historiadores. Uma disciplina do conhecimento é constituída por teorias e pela crítica dessas teorias. A partir desta tensão, a disciplina avança no conhecimento de seu objeto. Esta discussão, que mais parece da seara de filósofos da ciência, epistemólogos e metodólogos, não deve, todavia, ficar restrita a estes especialistas, mas fazer parte da rotina do historiador:

o historiador ‘escreve’ a História, mas deve também teorizar sobre ela, quer dizer, refletir e descobrir fundamentos gerais a respeito da natureza do histórico e, além disso, sobre o alcance explicativo de seu próprio trabalho. Sem teoria não há avanço do conhecimento².

Porém, muitas vezes permanece em historiadores a não distinção entre prática empírica e trabalho historiográfico especulativo³. Talvez porque seu objeto seja demasiadamente amplo, uma vez que abrange todo acontecer humano, o que dificulta a conceitualização e a formulação de teorias da História. Talvez porque esteja na moda afastar a história da ciência e aproximá-la da arte, o que joga a preocupação teórica e crítica da elaboração do conhecimento histórico num plano inferior, insignificante até. A consequência da indistinção entre prática empírica e trabalho historiográfico especulativo é a ausência de reflexão sobre a natureza da disciplina ou ‘ciência histórica’.

¹ Professor do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas. Contato: thiago.gambi@uol.com.br

² ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006. p. 24.

³ No caso da história econômica, interessante observar as diferentes atitudes metodológicas de historiadores e economistas. Cf. CIPOLLA, Carlo M. *Introdução ao estudo da história econômica*. Lisboa: Edições 70, 1993. p. 19ss.

Resenha recebida em dezembro de 2013 e aprovada em junho de 2014

Diante desta carência fundamental, que se acentua atualmente, o livro do basco Julio Aróstegui “A pesquisa histórica. Teoria e método”, trespassado pelas contribuições das ‘outras’ ciências sociais e, especialmente, da filosofia, é um convite e um guia para a reflexão sobre o ofício do historiador. “É uma reflexão ou se propõe a ser uma reflexão sobre a natureza mesma da ‘ciência histórica’”, como diz o professor Jobson Arruda na apresentação do livro⁴.

Nesta mesma linha, os ventos catalães nos trazem Josep Fontana com sua “História: análise do passado e projeto social”, livro peculiar de história da historiografia⁵ que, embora seja bastante distinto do livro de Aróstegui, guarda com ele relações de afastamento e proximidade. É o que se pretende explorar ao longo deste texto, organizado em duas partes. A primeira procura perceber as motivações que estão por trás destas duas obras. Argumenta-se que a motivação principal dos dois autores reside na proposição de novos projetos que se constituiriam como alternativas à prática historiográfica atual – nos termos de Aróstegui. A segunda parte trata de apresentar sucintamente os projetos propostos por ambos os historiadores, pontua suas convergências e divergências, e traça suas perspectivas de realização, segundo os próprios autores. A título de considerações finais, propõe-se a complementaridade final dos dois projetos que inicialmente parecem distintos e sua confluência numa espécie de tentativa de revisão e atualização do marxismo, sem negar totalmente as contribuições do chamado paradigma pós-moderno⁶. A rigor, o percurso deste texto não define propriamente uma resenha, mas esperamos que as discussões apresentadas pelo caminho deem uma boa ideia do que tratam os dois livros em questão.

2. Motivações

Ao propor uma reflexão sobre a “natureza mesma da ‘ciência histórica’”, Aróstegui também propõe a construção de uma disciplina do conhecimento da História. Essa disciplina não mais se chamaria história, mas historiografia,

⁴ ARRUDA, José Jobson. História ou historiografia? Ciência ou arte?. In: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006. pp. I-VII.

⁵ O livro de Fontana é uma história da historiografia peculiar porque privilegia os contextos culturais de produção das obras históricas e não as obras históricas em si mesmas. Enfatiza, portanto, os contextos culturais de autores, não só de historiadores, e as idéias que, de algum modo, contribuíram para se pensar mudanças sociais.

⁶ Para paradigma pós-moderno, ver CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

ênfatizando a reflexão sobre o modo pelo qual se conhece a História⁷. Como diz o próprio Aróstegui, o objetivo último do livro é o desejo de instaurar uma ciência historiográfica, situando-a no “interior de um nicho de disciplinas [das ciências sociais] cuja identificação científica se buscava com afã”⁸.

Historiografia, para Fontana, significa algo menos pretensioso e mais alinhado à concepção predominante entre historiadores. Para ele, historiografia é simplesmente “a produção escrita sobre temas históricos”⁹. É estranho que Aróstegui diga que Fontana “utilizou a palavra na sua mais completa acepção ao falar em um texto conhecido da historiografia”¹⁰. Mais completa acepção? Onde estaria a função disciplinar da pesquisa neste caso?

O que Fontana pretende no livro em pauta é explorar “a história da História (sic) para pôr em relevo como se amoldou a mudança social”¹¹. Para isso, ocupa-se - como deixa claro na ‘breve, mas necessária, explicação inicial’ - do que chama teoria da história e das idéias sociais subjacentes. Em outras palavras, o livro se ocupa do pensamento utilizado efetivamente pelo historiador para orientar seu trabalho e do projeto social ao qual sua obra está relacionada. Fora a discussão disciplinar e de rótulo, Fontana segue precisamente o que propõe Aróstegui ao fazer de seu livro uma reflexão sobre o modo pelo qual se conhece a História. Para Fontana, história, economia política¹² e projeto social são partes de um todo e devem estar indissolúvelmente unidas. Isso significa que ao conhecer e escrever a História, o historiador faz a História. Portanto, construir uma nova história significa construir, ao mesmo tempo, um novo projeto social e vice-versa. Este parece ser o fim último do autor.

Ao propor a construção de uma disciplina historiográfica fundamentada na reflexão teórica sobre o próprio trabalho do historiador, Aróstegui revela sem rodeios o caráter racionalista de sua proposta e de seu livro. Assumindo esta posição, crítica o

⁷ Daqui em diante, nas referências à proposta de Aróstegui, passa-se a chamar historiografia o que comumente se designa como história. Desde logo, é preciso dizer que a troca de rótulos não é mera ‘perfumaria’. O rótulo historiografia, mais que o rótulo história, carrega uma “dosagem elevada de reflexão teórica”. E é isso que o autor quer ênfatizar em sua proposta.

⁸ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 14.

⁹ FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: Edusc, 1998. p. 9.

¹⁰ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 37-38.

¹¹ FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 10.

¹² Fontana dá um sentido muito particular à expressão ‘economia política’. Ela significa os contextos culturais em que a história é produzida.

“afastamento da pesquisa social de seus fundamentos teóricos anteriores e sua aproximação a uma sensibilidade que valorizava sobretudo o ‘sujeito’ e a ação social”¹³. O livro não poupa críticas ao paradigma ‘inimigo’, à história como literatura, interpretativa, relativista e ficcional. E identifica a redução da exigência de uma prática respeitável, via banalização da pesquisa, publicações supérfluas, influência da mídia, etc., como maior problema da historiografia neste início de século. Para Aróstegui, a História não é questão de gosto ou opinião, ela precisa de teoria e crítica. Em tom irônico, ele diz que “quer livrar o historiador de qualquer forma de propensão ao irracionalismo, por mais na moda que esteja”¹⁴ e que gostaria que seu livro fosse mais uma voz frente a tudo o que denuncia. Entretanto, embora coloque a historiografia no rol de disciplinas das ciências sociais, Aróstegui reconhece, com estilo, que, mesmo as ciências sociais, “precisam encontrar o ponto ‘galileano’ de sua imagem do mundo, que não poderá ser geométrico, mas que tampouco bastará que seja poético”¹⁵.

Fontana também faz sua denúncia. Novamente sua crítica não se situa tanto – embora também seja crítico disto – nos aspectos teóricos ou disciplinares da história, mas no descomprometimento da historiografia com as lutas sociais de seu tempo¹⁶.

Em resumo, parecem ser três as motivações que levaram Aróstegui a redigir as quase seiscentas páginas de seu livro, tornando-o também um manual de teoria e método: refletir sobre a natureza da ‘ciência histórica’, construir uma disciplina do conhecimento da História e resistir à hegemonia do paradigma pós-moderno. Dessas três, a motivação-síntese é a construção de uma disciplina do conhecimento da História – a que ele denomina historiografia -, porque, para ser estabelecida, exige reflexão teórica e, ao ser construída como alternativa à prática dominante, torna-se resistência. Já Fontana escreveu o livro por achar que num “momento de crise estrutural do capitalismo, é preciso começar a construir, ao mesmo tempo, a nova história e o novo projeto social, assentados numa compreensão crítica da realidade presente”¹⁷. A motivação de Fontana é semelhante, em certo sentido, à motivação-síntese de Aróstegui. Em certo sentido porque, enquanto em Aróstegui a preocupação

¹³ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 178.

¹⁴ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 13

¹⁵ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 14.

¹⁶ BIASOLI, Vítor. Prefácio. In: FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 7.

¹⁷ FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 11.

fundamental parece ser disciplinar, em Fontana a motivação central concentra-se na mudança social.

Expostas as motivações dos dois autores, tratemos de considerar mais detidamente suas propostas: o projeto disciplinar de Aróstegui e o projeto social de Fontana.

3. Projetos

É na primeira parte de seu livro – “Teoria, História e historiografia” – que Aróstegui apresenta suas reflexões sobre a natureza da disciplina historiográfica¹⁸. Como já adiantamos, ele propõe a adoção do nome historiografia para a “disciplina do conhecimento da História”¹⁹. Uma alteração terminológica aparentemente banal, mera troca de rótulos, ganha relevo na reflexão de Aróstegui não só por seu cuidado com a linguagem, como por sua preocupação teórica.

De maneira geral, o termo história carrega uma ambiguidade que cria dificuldades para o historiador. Ele é usado tanto para se referir ao acontecer histórico, isto é, ao que acontece em todo tempo e lugar nas sociedades humanas, como à disciplina que estuda o acontecer histórico. História e história²⁰. Para acabar com esta imprecisão, Aróstegui indica a separação no próprio nome da disciplina entre o tipo de conhecimento que produz e seu objeto de estudo. Para ele, o termo historiografia, por sua própria etimologia, tem significação unívoca: “refere-se apenas ao resultado da pesquisa”. E essa é sua vantagem²¹.

Apesar do empenho de Aróstegui em refinar a linguagem da disciplina histórica, parece-me que a distinção entre os termos história e historiografia, tal como é feita comumente, que já é confusa, torna-se mais confusa ainda, rebaixando a discussão terminológica de Aróstegui a um plano de menor importância. Mas não o é no contexto de seu projeto disciplinar, pois, em sua concepção, o termo historiografia,

¹⁸ Aróstegui chama disciplina um corpo de conhecimentos sobre determinado objeto. O problema é que o objeto da historiografia é ilimitado, uma vez que envolve todo acontecer humano. Como construir um corpo de conhecimentos sobre o todo senão pelas suas partes?

¹⁹ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 21.

²⁰ (H)istória se refere ao acontecer humano e (h)istória se refere ao que é escrito sobre o acontecer humano.

²¹ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 31. Uma alternativa ao termo historiografia poderia ser historiologia, tal como sugeriu Ortega y Gasset. No entanto, este termo carrega a pretensão de que a disciplina histórica seja considerada “ciência”.

além de unívoco, no sentido de que abarcaria a história, suporia também um “conteúdo teórico” que o termo história não teria e que o autor quer reforçar.

A teoria a que Aróstegui se refere tem duplo significado. Primeiro, é teoria da História, ou seja, um corpo de explicações articuladas para definir seu objeto de estudo. Ela delimita o campo da realidade que o historiador aborda e reflete sobre a natureza do histórico, constituindo-se num saber substantivo e empírico. Assim, é uma teoria constitutiva do objeto de trabalho do historiador. Segundo, é teoria da historiografia, ou seja, trata de saber como se conhece a História e da estruturação de conhecimentos obtidos de modo articulado numa disciplina do conhecimento particular que se diferencia das ‘outras’ disciplinas das ciências sociais (reflexão teórico-metodológica sobre a pesquisa histórica), constituindo-se num saber formal e disciplinar.

Aliás, do ponto de vista epistemológico – e esta é uma questão cara a Aróstegui – a historiografia é considerada mais uma ciência social e o conhecimento historiográfico mais um conhecimento científico-social. Isso porque o histórico, assim como a economia, a sociologia, a antropologia, etc., é uma qualidade do social, remetendo o problema da cientificidade da historiografia em particular ao problema da cientificidade das ciências sociais em geral. Mas essa é outra questão.

A peculiaridade da historiografia em relação às outras ciências sociais é, segundo Aróstegui, a análise dos estados temporais – em outras palavras, do resultado do comportamento das sociedades no tempo –, cujos extremos são a continuidade e a ruptura. Portanto, é na análise da mudança social – às vezes mais, às vezes menos observável –, que a natureza da historiografia se faz mais presente do que em qualquer outro campo de pesquisa sobre a sociedade.

Essas afirmações parecem iluminar a interpretação de que a historiografia seria mera observadora da mudança social, cuja função seria analisá-la e explicá-la de modo convincente, e obscurecer a ação do historiador como agente de transformação da sociedade. A historiografia não faria História, neste caso. De fato, a mudança social parece ser discutida em Aróstegui como mais um problema teórico da disciplina²². O que a historiografia deve estudar: a mudança ou a ruptura? Como perceber as mudanças que realmente ocorrem na sociedade? São mudanças

²² Cf. ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, pp. 264-267.

econômicas, sociológicas, antropológicas ou históricas? A superação do capitalismo é apenas indiretamente referida quando Aróstegui diz que “o desenvolvimento histórico é incompatível com a existência da permanência (sic) absoluta de uma estruturação social”²³.

Se para Aróstegui nenhuma estruturação social pode permanecer absolutamente, para Fontana a estruturação social chamada capitalismo já está em crise. O desafio agora é construir simultaneamente a nova história e o novo projeto social. Fazer história é fazer História e realizar o projeto social. Mas qual é o projeto social de Fontana? Qual a relação deste projeto com a história? O próprio Fontana responde: há uma discordância entre a proposição ou reproposição de um projeto de futuro socialista e sua fundamentação numa visão da história que corresponde em boa medida ao capitalismo. É uma história que não serve de apoio à perspectiva de mudança social. Daí a necessidade de uma nova história para apoiar um novo projeto social. Fontana vê a construção da história menos como projeto disciplinar e mais como projeto social na medida em que o importante, o fim último, é a mudança social. E aqui, novamente, a preocupação teórica, sem ser deixada de lado, não parece ser protagonista:

[A superação da crise da história] exige um esforço sério para recuperar, ao mesmo tempo, alguns fundamentos teóricos e metodológicos sólidos, e, *sobretudo*, o contato com os problemas reais dos homens e mulheres do nosso tempo [grifo nosso]²⁴.

Fontana, em “História: análise do passado e projeto social”, não entra na reflexão terminológica e disciplinar feita exaustivamente por Aróstegui no livro comentado e também não aprofunda questões teóricas. Seu livro não é para isto. Seu ponto fulcral é o projeto de mudança social e a participação dos historiadores e da história nesse projeto.

Se o que faz Aróstegui propor um projeto disciplinar para a História é a crise dos paradigmas das ciências sociais e, particularmente, da disciplina histórica, o que faz Fontana propor um projeto social é a percepção de que o capitalismo está em crise. Tais projetos são aparentemente distintos entre si, mas há algo que os aproxima.

²³ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 266.

²⁴ FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 272.

O projeto de Fontana busca captar a “imagem global da sociedade” e nela os mecanismos que asseguram a exploração de uns homens por outros, mecanismos que atuam não só por meio de regulamentação e coerção física, mas que impregnam toda a vida social. Inclusive a maneira de se pensar a História. Para Fontana,

só quando sejamos capazes de compreender a coerência do sistema inteiro em que vivemos imersos poderemos chegar a repensá-lo, desmontá-lo peça por peça e planejar sua substituição (...) de acordo com as características que haverá de ter a sociedade do socialismo²⁵.

O socialismo, para Fontana, não é entendido como mera evolução da sociedade ou uma fase superior do processo de industrialização, mas como a eliminação das formas de exploração próprias do capitalismo. Ajudar os outros a conhecer o sistema para repensá-lo, desmontá-lo e substituí-lo seria a tarefa do historiador, que contribuiria, assim, para a construção de uma alternativa, não a única, à sociedade capitalista. O projeto de Fontana parece mesmo se distanciar da proposta de Aróstegui quando o primeiro diz que

nosso objetivo dificilmente pode ser o de converter a história em uma ‘ciência’ – em um corpo de conhecimentos e métodos, cerrado (sic) e auto-suficiente, que se cultiva por si mesmo, mas sim, pelo contrário, o de arrancá-la à formalização cientificista para voltar a convertê-la numa ‘técnica’: num instrumento para a tarefa da mudança social²⁶.

Em outras palavras, a tarefa do historiador seria, pois, recompor uma visão crítica do presente que fosse capaz de explicar as razões das mazelas sociais e econômicas. Ajudar a entender e ver o capitalismo como um sistema de exploração do homem pelo homem. Sem esta tarefa do historiador, defende Fontana, não é possível renovar a visão do passado (que vê o capitalismo como resultado de uma linha evolutiva e não como sistema baseado em mecanismos de exploração), de modo que sirva como base para assentar um novo projeto social.

A tarefa imediata é retirar a história do paradigma pós-moderno em que foi aprisionada e utilizá-la para aprender como se formaram os mecanismos de exploração e como os homens se organizaram para combatê-los. Em outras palavras, recuperar no passado os projetos vencidos. Entender porque não foram vencedores. Só

²⁵FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 264.

²⁶FONTANA, Josep. *Op. cit.*, p. 265.

assim, a história recupera sua legítima função de instrumento para a construção do futuro e deixa de ser mero conhecimento livresco.

Tanto Aróstegui quanto Fontana percebem a crise da história, enquanto disciplina, e a necessidade de construir alternativas ao paradigma pós-moderno. Para o primeiro, depois do ‘giro lingüístico’ das ciências sociais²⁷, que também marca a história, alguns consensos gerais parecem se formar: 1) a reafirmação de que a historiografia não constrói um discurso paralelo ao literário; 2) o discurso científico como o que pretende ou pretendeu ser a história é apenas uma imagem da realidade. As construções da linguagem científica que se pretende aplicar à realidade são apenas construções e não se pode pretender que reflitam uma realidade verdadeiramente intocável do passado que reconstrói; 3) há um retorno da história ao mundo acadêmico; 4) as tarefas da historiografia estão sempre relacionadas aos interesses do presente. Aqui não se pode deixar de notar a propaganda que Aróstegui faz da História do Tempo Presente, disciplina da qual é professor na Universidade Complutense de Madri; 5) a busca de novos modelos de historiografia (depois de tantas *stultifying trivia*²⁸) e, finalmente, 6) a ausência, na historiografia atual, de novos grandes paradigmas epistemológicos e metodológicos com pretensões de atrair para si um amplo conjunto de práticas, lacuna que Aróstegui quer preencher. Embora não seja consenso, o basco é otimista quanto ao uso do termo historiografia, dizendo que ele “vem sendo progressivamente aceito, ainda que alguns discordem, no vasto campo dos historiadores, o que é uma boa notícia”²⁹. A má notícia para ele é que, pelo menos no Brasil, as coisas parecem continuar como antes, ou seja, história ainda é história.

A crise da história em Fontana é reflexo da crise das expectativas de futuro que se buscava numa concepção da história que parecia permitir fazer previsões sobre o futuro. Cabe ao historiador ajudar a reverter este quadro. Embora as perspectivas de ambos os autores seja a de crise da história, elas guardam uma diferença fundamental. Enquanto para Aróstegui a crise é interna, ou seja, resultante de uma crise de paradigmas interna às ciências, para Fontana a crise é externa, ou seja, uma crise de expectativas em relação ao futuro da sociedade que se internaliza na história.

²⁷ Para ‘giro lingüístico’, cf. ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 182.

²⁸ *Trivialidades insensatas*. Referência de J.H. Hexter ao aumento exorbitante da produção historiográfica “sem rigor e sofisticação de método” do pós-II Guerra.

²⁹ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. cit.*, p. 37.

4. Considerações finais

Este texto buscou comparar aspectos dos livros “A pesquisa histórica: análise e teoria”, de Julio Aróstegui, e “História: análise do passado e projeto social”, de Josep Fontana. Os aspectos comparados foram as motivações dos autores para escrever seus livros, os projetos que propõem e suas perspectivas para o porvir. As duas obras pretendem oferecer alternativas ao paradigma pós-moderno, embora reconheçam sua contribuição para a disciplina. No caso de Aróstegui, a própria redação de um manual de teoria e método se revela uma peça de resistência ao paradigma pós-moderno, pois nele não parece fazer sentido um manual como esse. Entretanto, não só sua redação, como também sua publicação – na Espanha e fora dela -, indicam que a resistência ao paradigma pós-moderno não é pequena nem localizada.

A princípio, as duas propostas parecem divergentes – o projeto disciplinar de Aróstegui e o projeto social de Fontana. Se em Aróstegui a ênfase está na construção de uma nova disciplina, em Fontana a ênfase está na construção da mudança social. Em Fontana, mudar a história implica mudar o projeto social e vice-versa. Em Aróstegui, embora esta implicação esteja presente, ela é menos enfatizada. O embate em Fontana é do capitalismo contra o socialismo. Em Aróstegui, da historiografia contra disciplinas rivais. No livro em questão, talvez Aróstegui não leve até o fim as conseqüências que seu projeto disciplinar poderia ter sobre um projeto social.

Como já dito anteriormente, Aróstegui considera a historiografia uma disciplina pertencente ao conjunto das ciências sociais. Nesse quadro, busca reforçar a ‘cientificidade’ do histórico para aumentar seu poder na disputa com outras disciplinas. O problema é que a historiografia não comporta o rigor científico absolutamente – nem disciplinas das ciências naturais o comportam. Seu objeto é inabarcável, pouco conceitualizável, com linguagem científica pobre. Por outro lado, se o rigor científico absoluto é impossível para a historiografia, sua absoluta ausência destruiria, ou enfraqueceria muito, a força da disciplina frente às outras ciências sociais. Nesse sentido, o projeto disciplinar de Aróstegui busca um “rigor-flexível” para a disciplina. Nem geometria, nem poesia. Fortalecer a historiografia em relação às outras ciências sociais e, a partir daí, influenciar efetivamente o curso da História. Seria a historiografia fazendo História. Nesse ponto, o projeto disciplinar de Aróstegui toca o projeto social de Fontana. O que a princípio parecia distinto (projeto disciplinar/teórico x projeto social/prático), revela-se complementar. A construção de

uma nova história e de um novo projeto social em Fontana parte da compreensão crítica da realidade presente e a proposta disciplinar de Aróstegui é coerente com esse ponto de partida.

5. Referências

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CIPOLLA, Carlo M. *Introdução ao estudo da história econômica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: Edusc, 1998.